



POR UMA FORMAÇÃO QUE NÃO ABRE MÃO DE SI: O NÃO APAGAMENTO DO/A DOCENTE DE DANÇA NA ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA

FOR A TRAINING THAT DOES NOT RENOUNCE THE SELF: THE NON-ERASURE OF THE DANCE TEACHER IN (AUTO)BIOGRAPHICAL WRITING

Everton Santos Paixão¹

Resumo: Esta intenção trata-se de uma continuidade de pesquisa que surgiu na época em que era estudante de mestrado na Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), curso concluído em 2023. Durante a escrita da dissertação, que demandou, em alguma medida, mapear o estado da arte das escritas de si e dessas metodologias afins na docência em dança, passei a notar, como questão-problema, um apagamento de docentes dessa área de conhecimento nas produções identificadas, em contraste com o que o experimentei ao escrever e tensionar a minha (auto)biografia. Atualmente, como doutorando do mesmo programa, venho explorando essas discussões, com o objetivo de engajar três docentes de dança a rescreverem suas narrativas (auto)biográficas. Essas fricções têm demonstrado que a vida individual e social, atravessada pela cultura acadêmica e outras camadas existenciais, se imbrica, e quando essas docentes conferem uma assinatura pessoal e identitária à escrita de si, constituem uma forma de resistência à colonização do corpo-pensamento, às dicotomias e à suposta neutralidade científica.

Palavras-chave: apagamento; narrativa; memoriais de formação; docência em dança; (auto)biografia.

Abstract: This proposal stems from a continuation of research that began during my master's studies at the Federal University of Bahia (FACED/UFBA), completed in 2023. While writing my dissertation—which required, to some extent, mapping the state of the art of self-writing and related methodologies in dance pedagogy—I began to notice, as a research problem, the erasure of teachers in this field of knowledge within the identified productions, in contrast to what I experienced while writing and problematizing my own (auto)biography. Currently, as a doctoral student in the same program, I have been exploring these discussions with the aim of engaging three dance teachers in rewriting their (auto)biographical narratives. These frictions have revealed how individual and social life—interwoven with academic culture and other existential layers—are intertwined, and how, when these teachers inscribe a personal and identity-based signature into their self-writing, they enact a form of resistance against the colonization of body-thought, dichotomies, and the presumed neutrality of scientific knowledge.

Keywords: erasure; narrative; memorials of formation; dance teaching; (auto)biography.

¹ Doutorando e Mestre em Educação Pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA/FACED. Membro do Grupo de Pesquisa Formação de Professores em Exercício – FEP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6808222215189615>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3013-0282>.



1 LEMBRANÇAS EM MOVIMENTO

Não faz muito tempo que iniciei minha aproximação com as abordagens de pesquisa qualitativas e, mais incisivamente, com as narrativas de formação de docentes de dança que fazem parte desse rol. A dimensão biográfica-humanística vem se afinando com os conhecimentos da Educação – que, assim como a Dança, vem demonstrando cada vez mais interesse pelas questões qualitativas da existência docente (Fiuza *et al.*, 2023). Acredito que esse interesse pelos significados existenciais não se trata apenas de uma mera curiosidade pela vida alheia, retirando-a de seu possível anonimato e tornando-a pública.

Trata, sim, ao meu ver, de compreender que narrativas humanas articulam no corpo – biografia – memória, discurso e história (Rengel; Ferreira, 2012; Silva, 2012), e que o exercício de narrar nos presenteia com uma história (Delory-Momberger, 2006). Portanto, na esteira dos conhecimentos de si, narrar nada mais é que dar forma às experiências que nos constituem como seres humanos dotados de singularidades (Delory-Momberger, 2016).

Corroboro que a inserção nas metodologias (auto)biográficas representou uma verdadeira virada epistemológica em meu percurso formativo. Isso ocorreu não apenas por estar implicado com um método crítico que me ajuda a refletir sobre minhas condutas pedagógicas, mas sobretudo porque passei a transgredir uma racionalidade técnico-científica que me fazia ver como inconciliáveis – de um lado, o objeto de estudo, decorrente de questões que atravessavam a minha existência; de outro, eu mesmo, o pesquisador (Guedes; Ribeiro, 2019).

A travessia de produzir uma dissertação sobre mim mesmo, durante o período do mestrado, permitiu compreender minha docência em dança na educação pública básica mediante um cruzamento de discursos, percepções, sensações e sentimentos bastante heterogêneas. Camadas de sentidos, significadas e que vêm sendo reescritas por mim, não de maneira direcional, mas de forma dispersiva, diacrônica e sincrônica, a partir de interlocuções entre passado, presente e futuro (Pereira, 2016; Midlej, 2016).

Confrontando a minha própria imagem, compreendi, por exemplo, como se deu minha inclinação para a dança e quais espaços de vivências informais foram me



legitimando para tal, levando-me a escolher uma licenciatura na área em uma graduação interiorana, como a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – Jequié). Identifiquei que esse desejo pela docência teve relação com diversos discursos que subjetivaram corporalmente as vivências que tive em dança nas confraternizações familiares, atividades escolares e na religião católica (Paixão, 2023). Com isso, minha trajetória social e política com a arte é feita de resistência contra os discursos sexistas e homofóbicos, que tomavam a masculinidade viril-hegemônica como modelo a ser seguido, associando a dança a uma atividade exclusivamente feminina e/ou de orientação homoafetiva (Andreoli, 2019; Bento, 2002).

Como homem cis, heteronormativo, docente negro, interiorano, ativista e pró-dança no currículo, defendo o exercício dos direitos culturais na educação. Percebo a construção de minha docência a partir do método biográfico como uma ação política e ética de agir sobre mim mesmo e diante das forças externas de poderes e saberes que moldam minha subjetividade (Foucault, 2016, 2012), em uma temporalidade histórica sempre inconclusa (Delory-Momberger, 2006). Para Foucault, a subjetividade é um processo construído e intrincado a uma difusão de micropoderes e saberes que as instituições sociais, com as quais nos relacionamos, impregnaram em nós. Nessa lógica, todo saber coloca em funcionamento poderes que exercem uma espécie de governo em nossos corpos, e é essa capacidade que vai constituindo a individualidade social e cultural do humano, por vezes, sem que percebamos conscientemente.

A subjetividade pode ser compreendida também sob o enquadramento da análise de discurso francesa estudada pela professora e pesquisadora brasileira Orlandi (1999, 2001). Em suas publicações, ela afirma que, para compreender o modo como o sujeito se individualiza e performa sua existência através do simbólico, é necessário analisar a forma como a ideologia o interroga, tratando-se de uma relação que não é transparente com a história. Ratificando, é no plano do simbólico, dos dizeres e dos sentidos materializados pela língua que as ideologias são discursivamente construídas pelas instituições sociais e é, a depender de como nos posicionamos nesses sentidos, que fabricamos nossas identidades no mundo.



Na pesquisa em andamento de doutorado em Educação da FAGED, passei a experimentar a escrita (auto)biográfica com três Licenciadas em Dança egressas da mesma graduação e instituição em que cursei a licenciatura. Essas observações vêm dando lugar ao seguinte questionamento: como as professoras de dança egressas dessa instituição de formação universitária, que atuam na rede pública de ensino, têm se tornado quem são? Pesquisas e buscas realizadas mais recentemente por mim demonstram que os métodos que flertam com as escritas de si ainda são incipientes e vêm crescendo exponencialmente, em cooperação com as Ciências Humanas, Sociais e a Educação. Considero que esse aspecto dá "pano para manga" para que a temática seja mais explorada nas pesquisas sobre a formação de docentes de dança (Paixão, 2023).

Sendo assim, esta comunicação delineia a seguinte questão de pesquisa: como o memorial de pesquisa pode implicar as docentes de dança da rede pública de ensino com seus cotidianos profissionais, de modo que elas não desapareçam e localizem criticamente suas formações na produção de seus textos? Apresenta como objetivo compreender a escrita do memorial como um dispositivo metodológico e de formação que implica as docentes de dança com suas escritas. Posto isso, esta investigação está indexada ao método biográfico que, dentre suas várias possibilidades, faz uso do memorial de formação e da compreensão crítica-interpretativa (Abrahão, 2003), possibilitando o cruzamento entre a realidade observada, os sujeitos que nela habitam e os referenciais teóricos elencados (Gil, 2021).

Além dos memoriais, a pesquisa realizou entrevistas abertas, sem roteiros ou estruturas rígidas definidas, não visando apreender explicações satisfatórias perante a questão-problema que se pretende compreender, mas entendendo-a como mais um elemento de sentidos que pode compor palavras-chave de interesse — ou não — no processo de elaboração dos memoriais das professoras. Esta pesquisa não abre mão dos protocolos éticos aplicáveis à investigação em educação. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando a voluntariedade e plena consciência de sua participação. Suas identidades são utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Assim, o estudo conciliou rigor



metodológico e responsabilidade ética, preservando a autonomia e a segurança das participantes.

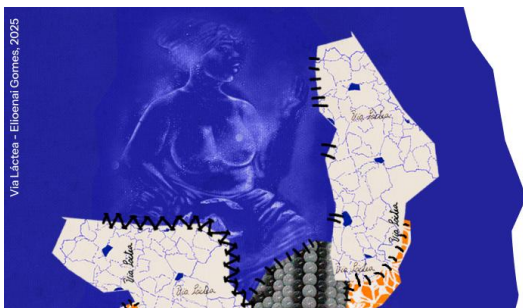
Desse modo, esta versão de escrita apresenta processos de pesquisa em andamento. Nela, será discutido como a escrita memorialística pode ser pensada como uma atitude de resistência à suposta colonialidade moderna (Messeder; Nascimento, 2020), cujo projeto trouxe como consequência a invisibilização dos sujeitos perante o conhecimento. Portanto, advogo uma perspectiva de escrita em que o corpo de quem fala, narra, pensa, pesquisa e fabula sua imagem não seja terceirizado frente à colonização do saber e do poder ²(Quijano, 2005). Essa atitude permite acionar um espaço em que a docente que escreve não se perceba separada como objeto e, simultaneamente, do/a pesquisador(a), tomado(a) na perspectiva de sujeito encarnado(a) (Messeder; Nascimento, 2020).

2 A PRESENÇA AUSENTE NA ESCRITA: DILEMAS DE APRESENTAÇÃO DO/A DOCENTE DE DANÇA

Bem, antes de apresentar o público-alvo desta pesquisa e as questões com as quais tenho me deparado ao acionar um arranjo de escrita que traga frescor, ética, rigor, não rigidez científica e compromisso com o vivido (Macedo, 2015), movo-me no sentido de discutir alguns dilemas epistemológicos nesse processo de investigar a docência em dança. Como falar em (auto)biografias de docentes de dança em textos memoriais que tragam a assinatura autoral e não terceirizem o corpo de quem pesquisa? Até que ponto as escritas de si também não estão se encharcando da rigidez acadêmica e, como um de seus traços, vêm convidando quem escreve a desaparecer do próprio texto? O que pode acontecer quando a docente de dança que faz da própria pesquisa um dispositivo metodológico e formativo não consegue se localizar naquilo que viveescreve?

Embora não se tenham respostas únicas que possam atender satisfatoriamente às potências e complexidades dessas perguntas, desdobro-me no sentido de propor

² Para Aníbal Quijano, a colonialidade do poder não só cria hierarquias sociais e globais, como também define, autoriza e legitima quem tem acesso aos recursos de forma legítima — política, econômica e culturalmente. Já a colonialidade do saber não só produz, como também hierarquiza os conhecimentos, hipervalorizando os ocidentais e europeus, que passam a ser disseminados como verdades universais, ao mesmo tempo em que exclui e marginaliza os saberes dos povos originários, afrodescendentes e de diversos outros grupos minoritários. Embora apresentadas em suas especificidades, ambas agem se alimentam mutuamente.



inflexões com as docentes de dança, a fim de que compreendam que suas escritas são atravessadas pela colonização do poder, do saber e do ser — traço do pensamento moderno ocidental. Enquanto as duas primeiras embodiram territórios e impuseram o eurocentrismo como conhecimento verdadeiro e válido, hierarquizando e inferiorizando grupos étnicos e suas epistemologias, a colonização do ser seria a perpetuação, ao longo de séculos, desses valores na construção de nossa subjetividade (Quijano, 2005).

No âmbito do método biográfico, há que se interrogar, por exemplo, por que a escrita de si esbarra na academia e é vista com sentimento de desconfiança, como se não tivesse valor heurístico para produzir conhecimento e ciência eticamente responsável (Macedo, 2015), quando se constata sua presença na Educação e em outros campos de conhecimento das Ciências Humanas. Parece ser ainda bastante comum, pelo menos nas experiências que venho tendo, que quem decide reescrever suas memórias seja tomado por um sentimento de sabotagem, como se suas narrativas não tivessem qualquer credibilidade perante o *modus operandi* acadêmico (Guedes; Ribeiro, 2019).

Em nossos encontros semanais, realizados remotamente com as docentes, tenho buscado amparar-me biograficamente em textos e discussões que apresentam uma visão de conhecimento e de mundo multicultural, complexa, fragmentada, relacional e antiessencialista (Sanches Neto, 2012). Por se tratar de uma pesquisa em dança, o campo da arte, em diálogo horizontal com as áreas citadas anteriormente — e não como apêndice destas —, tem nos ajudado a romper com o excesso de academicismo e a dureza de reescrever conhecimento experiencial com as docentes de dança.

Essas fricções vêm ampliando a nossa leitura crítica e sensível, ajudando-nos a construir outros mundos possíveis sobre nós mesmos e acerca da nossa formação. Leituras sobre imagens, poemas, filmes, instalações artísticas, séries, documentários, espetáculos de dança e/ou de outras linguagens artísticas têm sido incorporadas como fio condutor nos encontros de produção dos memoriais. Assim sendo, entendo que vidas de docentes de dança são inapreensíveis, incapturáveis e não merecem ser



enquadradas para caber em moldes rígidos de investigação científica, que cristalizam corpos como se fossem imutáveis (Nóbrega, 2010).

2.1 Entre passos e silêncios: o desafio de se fazer presente na escrita

As participantes, convidadas a fazer parte desta pesquisa, apresentam camadas de identidades docentes bastante fluídas e heterogêneas. Ainda assim, há pontos de convergência entre elas. Além de docentes e egressas da UESB Jequié, as três são mães, esposas e se veem como mulheres cis, heterossexuais, negras, artistas e pesquisadoras comprometidas com os dilemas contemporâneos que enfrentam cotidianamente na educação. Iniciaram suas trajetórias em dança na informalidade da igreja e em outros espaços sociais. Elas se identificam também como mulheres cristãs, sendo duas delas evangélicas e uma católica. Com a recente curricularização da dança no interior da Bahia — muito provavelmente em virtude da graduação da UESB —, puderam ingressar nas escolas públicas de Jequié e de outros municípios circunvizinhos que adotam processos seletivos e/ou concursos efetivos, como Ipiaú-BA e Vitória da Conquista-BA.

Duas dessas professoras, Flávia e Andressa, trabalham em regime de contratação temporária, atuando em diferentes níveis de ensino da escola básica. Ambas relatam condições precárias, sobrecarga e falta de valorização do trabalho pedagógico docente (Nóvoa, 2017). Enquanto isso, Tainan, que até há pouco tempo também mantinha esse vínculo e enfrentava fragilidades trabalhistas semelhantes quando residia em Jequié, foi recentemente aprovada como professora efetiva de Arte em Vitória da Conquista e encontra-se in lócus. Flávia leciona Arte no nono ano do Fundamental II, em uma escola da rede estadual da Bahia, e Dança e Arte no Ensino Fundamental II municipal, ambas em instituições de tempo integral localizadas em Jequié. Já Andressa atua na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, sendo ambas as escolas também de tempo integral, situadas em Ipiaú.

No contexto de seus exercícios profissionais na educação pública, seja no componente curricular de Arte ou na especificidade da Dança, observo que suas docências são atravessadas por marcadores sociais de raça, classe e gênero, e que as apresentações pedagógicas que fazem de si estão concatenadas com os discursos que carregam consigo. Nos momentos orais e nas escritas dos memoriais partilhadas

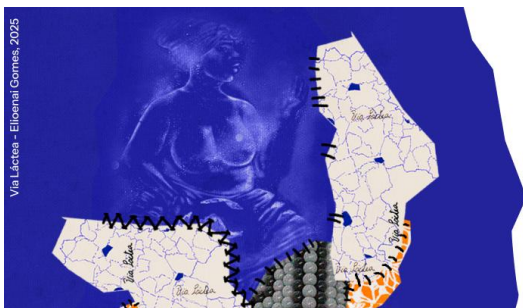


até aqui, há um forte desejo e compromisso político com a educação. Ou seja, as três docentes demonstram conhecimento, consciência de classe e defendem que a legislação pró-dança no currículo seja garantida na educação básica, em seus mais diferentes níveis (Marques, 2010; Strazzacappa, 2001).

Além disso, ressaltam também a necessidade de que essa inclusão plena venha acompanhada de melhores condições de trabalho e da valorização da carreira do magistério em dança, a fim de que esta seja reconhecida não apenas como uma atividade recreativa em escolas de tempo integral, mas como um conhecimento que deve compor a constituição da educação pública (Marques, 2010). Nessas partilhas de discussões, escrever sobre si traz conflitos e certa dificuldade para que as docentes narrem suas experiências de maneira crítico-reflexiva, extrapolando a ideia de um relato de vida literal e fidedigno (Assis, 2018, 2020). Esse aspecto emerge na escrita como se suas vozes não encarnassem plenamente suas vivências, produzindo uma dicotomia.

Venho tendo um cuidado ético e epistemológico, sobretudo, para que a reescrita memorialista não seja confundida com um dispositivo de autopromoção ou de valoração de condutas docentes, o que acabaria por esvaziá-la de seu potencial crítico e transformador (Paixão, 2023). Uma das atividades previstas durante a escrita dos memoriais – etapa atualmente em andamento – consiste em levar as docentes a compreenderem a biografia como seus próprios corpos, ou seja, como um espaço que articula memória, história e conhecimentos apreendidos em diferentes situações de tempo e espaço que as constituíram (Rengel; Ferreira, 2012). Os textos discutidos científicos e artísticos, nesse momento, têm a função de irrigar o pensamento, provocar novos insights e entrelaçar-se às memórias das docentes, emergindo das necessidades que vou identificando em cada encontro.

Fazemos o investimento de não apreender, de forma literal, o que este/a ou aquele/a autor/a enuncia, mas de identificar quais nexos de experiência tais leituras possibilitam ao reposicionarmos as nossas vivências no que é dito. Outro aspecto que não nos tem passado despercebido é que, ao tratar da escrita memorial, torna-se inevitável revisitar o próprio conceito de memória (Pereira, 2016). Memória não é aqui compreendida como mero arquivo ou armazenamento de informações restrito ao



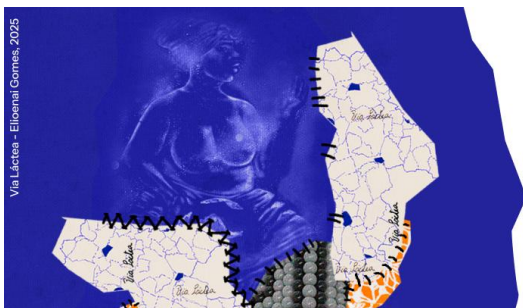
passado vivido, mas como forças efervescentes que conectam outrora, presente e futuro (Midlej; Pereira, 2016). Em outras palavras, falar de memória é também projetar a docência no tempo passado, relendo-a no presente e anunciando novas possibilidades de futuro.

Tendo em vista os argumentos apresentados até aqui, reconheço que a gênese de formação da pesquisa (auto)biográfica, a partir do uso do memorial e do modo como vem sendo operacionalizado em minha tese em andamento — da qual este artigo é fruto —, só se concretiza à medida que as docentes participantes rompem dicotomias e extraem lições de vida em seus mais distintos aspectos (Sá, 2013). Ou seja, reescrever a docência em dança revela-se uma postura metodológica de responsabilidade científica e de compromisso ético para quem se propõe a trabalhar com os memoriais de vidas em formação. Acrescento ainda que essa conduta epistemológica possibilita compreender a experiência docente em uma dimensão de conhecimento multifatorial (cognitiva, social, cultural, gestual etc.) (Passeggi; Silva, 2010), funcionando como espaço de autoformação e de formação de pessoas — no caso aqui em destaque, das docentes de dança em situação de exercício profissional.

3 MEMÓRIAS EM MOVIMENTO: O/A DOCENTE DE DANÇA EM PERSPECTIVA

Na primeira parte deste texto, discuto quais sentidos foram personalizando os arranjos e meus eventuais interesses pelo campo dos estudos da (auto)biografia, iniciado durante o mestrado e na continuidade da pesquisa de tese em andamento, da qual este artigo é um desdobramento. Na seção seguinte, aproveito para tecer críticas e levantar algumas provocações sobre o campo das escritas de si e como elas podem também, a depender de como forem pensadas, apagar docentes de suas próprias pesquisas. Me opondo a essa indissociabilidade entre vida e formação-acadêmica invisto nas modalidades de escrita-formação intimista por trazerem consciência de pertencimento identitário, profissional, compromisso com o vivido e à docência em dança como objeto e pesquisa, compreendidas como faces do/a pesquisador/a encarnado/a, em uma atitude não dicotômica.

Essa conduta, a meu ver, é uma forma de protagonizar histórias de uma área de conhecimento que tem muito para contar e que foi historicamente invisibilizada, tanto na educação básica quanto na universidade. Dando continuidade, apresento as



participantes da pesquisa e as questões que as movimentam no ensino da educação básica, articulando discussões preliminares sobre corpo, arte, gênero, currículo e educação. Ademais, falar de escritas de si é uma forma de resistir à neutralidade e à racionalidade técnico-científica, bem como de conferir protagonismo às experiências humanas e às docentes em dança, que vêm se produzindo com a área. Por fim, esses apontamentos e possibilidades de reflexão não se esgotam e permanecem em aberto, a serem explorados futuramente.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. *Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica*. Revista História da Educação, ASPHE, v. 7, n. 14, p. 79-95, jul./dez. 2003. Seer UFRGS

ANDREOLI, G. S.. *Dança, gênero e sexualidade: narrativas e performances*. Curitiba: Appris, 2019. ISBN 978-85-473-3491-8.

ASSIS, T. S. de. *Histórias de vida importam: a formação do professor de dança pela perspectiva da professoralidade*. In: VIEIRA, Marcílio de Souza; RENGEL, Lenira Peral; MARQUES, Larissa Kelly de Oliveira; PINTO, Amanda da Silva (Orgs.). *Dança em múltiplos contextos educacionais*. 1. ed. Salvador: ANDA, 2020. v. 3, p. 81–98. Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-3-DANÇA-EM-MÚLTIPLOS-CONTEXTOS.pdf>. Acesso: 20 de set de 2025.

ASSIS, T. S. de. *Professoralidade em dança no contexto universitário: tessitura de uma rede de experiências*. 2018. 171 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) — Escola de Teatro / Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Acesso em: 20 de set de 2025.

BENTO, B. *O homem não tece dor*. São Paulo: Cortez, 2002.

DELORY-MOMBERGER, C. *A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular*. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133–147, jan./abr. 2016.

DELORY-MOMBERGER, C. *Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359–371, maio/ago. 2006.

FIUZA, A.C.B. ALCÂNTARA, E. A. R. de; GONÇALVES, K. C. S; CORRÊA, T.H.B. A narrativa (auto)biográfica e ficcional como modos outros de habitar a pesquisa em educação. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, [S.l.], v. 15, n. 5, p. 4418-4436, 2023. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1272>. Acesso em: 21 set. 2025.



FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 38. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

GIL, A. C. *Como fazer pesquisa qualitativa*. São Paulo: Atlas, 2021. ISBN 978-65-5977-047-8.

GUEDES, A. O; RIBEIRO, T. (Orgs.). *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas*. 1. ed. Rio de Janeiro: AYVU, 2019.

MACEDO, R. S. *Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experienciais*. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. ISBN 978-85-4440-447-8.

MARQUES, I. A. *Dançando na escola*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MESSEDER, S; NASCIMENTO, C. (Orgs.). *Pesquisador(a) encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2020.

MIDDLEJ, J; PEREIRA, M. V. As histórias de vida como tramas de fios na composição da professoralidade. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, Salvador, v. 1, n. 3, p. 551–563, set./dez. 2016.

NÓBREGA, T. P. de. *Fenomenologia do corpo*. Salvador: EDUFBA, 2010.

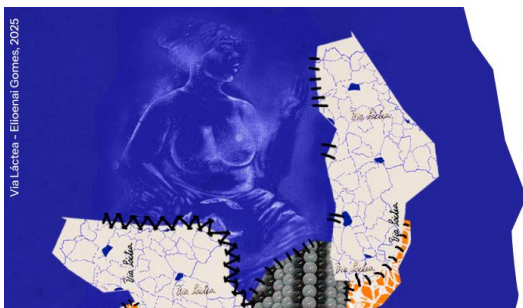
NÓVOA, A. *Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106–1133, out./dez. 2017. Acesso em: 20 de set de 2025

Orlandi, E. P. “Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.” Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PAIXÃO, E. S. *Narrativas (auto)biográficas de um docente em (an)dança*. 2023. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37696>. Acesso em: 20 de set de 2025.

PASSEGGI, M.C; SILVA, V.B da (org). *Invenção de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.



QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RENGEL, L.P.; FERREIRA, P. C. *Dança: escrita metafórica do corpo como linguagem que traz a memória traçada*. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 19–30, jul./dez. 2012.

SÁ, M. R. G. B de. Narrativas (auto) biográficas em currículos de cursos de formação de professores em exercício. In: BERTONI, L. M.; MORORÓ, L. P.; DE SANT'ANA, C. C. 2013. *Desafios epistemológicos das ciências na atualidade*. Bauru: Canal 6, 2013.

SANCHES NETO, A. R. *Diálogos com Terpsícore: movimentos de uma reforma curricular em dança*. 2012. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2012.

SILVA, E.C *Corpomídia na Escola: uma proposta indisciplinar*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012. Disponível em:
<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/4476/1/Edna%20Christine%20Silva.pdf>.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Cadernos de Educação*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 23–35, 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jG6yTFZZPTB63fMDKbsmKKv>. Acesso em: 20 set. 2025.